

# A CATEGORIA DE FORMAÇÃO OMNILATERAL EM MARX E O TRABALHO ENQUANTO PRINCÍPIO EDUCATIVO

Magda Gisela Cruz dos Santos<sup>1</sup>-UFPel / PPGE  
e-mail: magdacs81@yahoo.com.br

**Eixo:** 5 Trabalho-educação e a formação dos trabalhadores (educação profissional, tecnologias da educação, trabalho como princípio educativo)

## **Resumo:**

O presente texto discute a relação entre a categoria de formação omnilateral de Marx e a centralidade do trabalho enquanto princípio educativo dos trabalhadores. Partindo de um entendimento amplo da categoria trabalho, procura-se analisar o caráter duplo e contraditório que este assume sob o modo de produção capitalista. Este estudo é parte de uma pesquisa de mestrado em andamento, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, em que, tendo como referência a categoria de formação omnilateral de Marx, se propõe analisar uma política pública destinada a Educação Integral dos estudantes de escolas públicas de periferia de centros urbanos, o Programa Mais Educação. Sendo esta uma categoria que destaca o papel formativo do trabalho quando vinculado à instrução, neste texto procura-se analisar não apenas o sentido ontológico do trabalho na constituição do homem enquanto ser social, como também o caráter político que Marx lhe atribui em seu sentido histórico. Observa-se a necessidade de retomar estes princípios da obra marxista como forma de possibilitar uma leitura crítica e aprofundada sobre o momento atual e as diferentes perspectivas que revestem as políticas públicas, que embora adotem como categorias aquelas que se aproximam da luta dos movimentos populares de educação, afastam-se da perspectiva por estes defendida.

**Palavras-chave:** formação omnilateral; trabalho; princípio educativo.

## **Introdução:**

O presente texto discute a relação entre a categoria de formação omnilateral de Marx e a centralidade do trabalho enquanto princípio educativo dos trabalhadores, diante da possível crise de seu sentido para a análise da sociedade atual. Para tanto, parte-se de uma compreensão ampla da categoria trabalho abordando a forma contraditória como o trabalho em sua dimensão histórica se apresenta na sociedade capitalista.

Este estudo é parte de uma pesquisa de mestrado em andamento, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, em que, a partir da categoria de formação omnilateral de Marx, se propõe analisar uma política pública destinada a Educação Integral dos estudantes de escolas públicas de periferia de centros urbanos, o Programa Mais Educação.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas e professora da rede pública estadual e municipal de Pelotas/RS.

Considerando que a categoria de formação omnilateral destaca o papel formativo do trabalho quando vinculado à instrução, procura-se analisar não apenas o sentido ontológico do trabalho na constituição do homem enquanto ser social, como também o caráter político que Marx lhe atribui em seu sentido histórico.

Neste sentido, o presente texto procura apresentar o caráter duplo e contraditório que Marx observa no trabalho na forma histórica da sociedade capitalista e a possibilidade de constituir-se enquanto princípio educativo, superando a contradição com sua dimensão ontológica. A partir disto, apresenta-se a categoria de formação omnilateral como um dos elementos de articulação entre trabalho e formação humana e de superação da sociedade de classes, reafirmando o princípio educativo do trabalho.

Observa-se a necessidade de retomar estes princípios da obra marxista como forma de possibilitar uma leitura crítica e aprofundada sobre o momento atual e as diferentes perspectivas que revestem as políticas públicas, que embora adotem como categorias aquelas que se aproximam da luta dos movimentos populares de educação, afastam-se da perspectiva por estes defendida.

## **1 O trabalho enquanto princípio educativo: sua dimensão ontológica na obra marxista**

Considerar o trabalho enquanto princípio educativo na perspectiva marxista, pode parecer um tanto contraditório ao se observar o caráter negativo do trabalho enfatizado por Marx. No entanto, entender o princípio educativo do trabalho, requer uma compreensão ampliada desta categoria, para além do sentido histórico de trabalho alienado e fetichizado que assume sob o modo de produção capitalista. É preciso ainda compreender a dimensão dupla e contraditória que o trabalho assume neste contexto, e que Marx bem destaca, afirmado que ao mesmo tempo em que o trabalho cria e humaniza, também aliena, degrada e subordina o homem.

Ao observar este caráter duplo e contraditório do trabalho na sociedade capitalista atual, Antunes (2005, p. 13) destaca que longe de concluir que o trabalho não mais possui centralidade enquanto categoria analítica e explicativa, é preciso antes compreender a nova forma com que se apresenta.

Contrariamente à unilateralização presente tanto nas teses que desconstroem o trabalho, quanto naquelas que fazem seu culto acrítico, sabemos que na longa história da atividade humana, em sua incessante luta pela sobrevivência, pela conquista da dignidade, humanidade e felicidade social, o mundo do trabalho tem sido vital. Foi por meio do ato laborativo, que Marx denominou atividade vital, que os indivíduos, homens e mulheres, distinguem-se dos animais. Mas, em contraposição, quando a vida humana se resume exclusivamente ao trabalho, ela frequentemente se converte num esforço penoso, alienante, aprisionando os

indivíduos de modo unilateral. Se por um lado, necessitamos do trabalho humano e reconhecemos seu potencial emancipador, devemos também recusar o trabalho que explora, aliena e infelicitá o ser social. Essa dimensão dúplice e dialética presente no trabalho é central quando se pretende compreender o labor humano.

Esta compreensão é fundamental para entender o papel do trabalho na formação humana destacado na obra de Marx.

Frigotto (2005, p. 1 e 2) destaca que além deste “não entendimento” do trabalho em seu sentido amplo, no contexto brasileiro outros três outros aspectos dificultam ainda mais a compreensão sobre o caráter positivo que Marx observa no trabalho: primeiro que o Brasil foi a última sociedade do continente a abolir a escravidão, o que contribuiu para imprimir na mentalidade das elites *a marca cultural da relação escravocrata*; o segundo aspecto é a visão moralizante do trabalho trazida pela perspectiva de diferentes religiões (*castigo, sofrimento ou remissão de pecados*); por fim a perspectiva de reduzir a dimensão educativa do trabalho à sua função instrumental didático-pedagógica, aprender fazendo. Partindo-se da análise apenas da dimensão histórica do trabalho, dificilmente se alcançará a compreensão sobre o aspecto positivo que Marx lhe atribui na formação humana.

Entretanto, a concepção que afirma o trabalho enquanto princípio educativo, parte da análise de sua dimensão ontológica, que segundo Frigotto, entende que o trabalho (2005, p. 2)

(...) vincula-se, então, à própria forma de ser dos seres humanos. Somos parte da natureza e dependemos dela para reproduzir a nossa vida. E é pela ação vital do trabalho que os seres humanos transformam a natureza em meios de vida. Se essa é uma condição imperativa, socializar o princípio do trabalho como produtor de valores de uso, para manter e reproduzir a vida, é crucial e “educativo”.

Segundo Frigotto (2005, p. 3), Marx sinaliza a dimensão educativa do trabalho, mesmo quando o trabalho se dá sob a negatividade das relações de classe existentes no capitalismo, pois Marx ao analisar a relação dos homens entre si e com natureza destaca não apenas que os homens para produzirem os meios de vida transformam a natureza transformando também a si próprio, mas também que esta atividade prática do homem é ponto de partida na construção de sua consciência, da cultura e do conhecimento. Frigotto (2005, p. 4) destaca ainda que na perspectiva dialética é possível compreender o trabalho em sua propriedade educativa nas dimensões positiva e negativa que apresenta.

O trabalho é parte fundamental da ontologia do ser social. A aquisição da consciência se dá pelo trabalho, pela ação sobre a natureza. O trabalho, neste sentido, não é emprego, não é apenas uma forma histórica do trabalho em sociedade, ele é a atividade fundamental pela qual o ser humano se humaniza, se cria, se expande em conhecimento, se aperfeiçoa. O trabalho é a base estruturante de um novo tipo de ser, de uma nova concepção de história.

A consciência, por sua vez, mais do que responder as necessidades humanas, age como elemento de mediação entre o meio material e espiritual, organizando as ações humanas

de acordo com finalidades pré-estabelecidas e realizando escolhas entre as diferentes alternativas de ação.

Engels (2004, p.18) procurou demonstrar a influência da atividade humana sobre a natureza e do trabalho na transformação do homem e na transformação de sua relação entre os demais homens.

Em face de cada novo progresso, o domínio sobre a natureza, que tivera início com o desenvolvimento da mão, com o trabalho, ia ampliando os horizontes do homem, levando-o a descobrir constantemente nos objetos novas propriedades até então desconhecidas. Por outro lado, o desenvolvimento do trabalho, ao multiplicar os casos de ajuda mútua e de atividade conjunta, e ao mostrar assim as vantagens dessa atividade conjunta para cada indivíduo, tinha de contribuir forçosamente para agrupar ainda mais os membros da sociedade.

Assim, Engels (2004) destaca que ao mesmo tempo em que a partir do trabalho o homem amplia seu domínio sobre a natureza transformando a si mesmo, transforma também sua relação para com os demais homens, logo, constituindo-se enquanto ser social. A própria linguagem, segundo Engels (2004), surge da necessidade de comunicação entre os homens e mediante esta necessidade o corpo do homem transformou-se, desenvolvendo os órgãos necessários a fala.

Engels (2004, p.19) destaca que primeiro o trabalho e, depois dele e com ele, a palavra articulada, foram os dois estímulos principais para a transformação do cérebro e consequentemente dos órgãos dos sentidos.

O desenvolvimento do cérebro e dos sentidos a seu serviço, a crescente clareza de consciência, a capacidade de abstração e de discernimento cada vez maiores, reagiram por sua vez sobre o trabalho e a palavra, estimulando mais e mais o seu desenvolvimento. Quando o homem se separa definitivamente do macaco, em grau diverso e em diferentes sentidos entre os diferentes povos e as diferentes épocas, interrompido mesmo às vezes por retrocessos de caráter local ou temporário, mas avançando em seu conjunto a grandes passos, consideravelmente impulsionado e, por sua vez, orientado em um determinado sentido por um novo elemento que surge com o aparecimento do homem acabado: a sociedade.

Este desenvolvimento por sua vez, possibilitou aos homens ações cada vez mais complexas e elaboradas sobre a natureza, resultando em um desenvolvimento cada vez mais complexo de sua capacidade de compreensão e abstração. Esta capacidade, por sua vez, torna possível ao homem planejar suas ações, realizando atos premeditados e conscientes, e assim o homem distingue-se dos demais animais.

Resumindo: só o que podem fazer os animais é utilizar a natureza e modificá-la pelo mero fato de sua presença nela. O homem, ao contrário, modifica a natureza e a obriga a servir-lhe, domina-a. E aí está, em última análise, a diferença essencial entre o homem e os demais animais, diferença que, mais uma vez, resulta do trabalho (ENGELS, 2004, p.28).

Desta forma, Engels (2004, p. 13) demonstra que mais do que fonte de riqueza, *o trabalho é a condição básica e fundamental de toda a vida humana*. O trabalho é o que cria o próprio homem.

Entretanto, apesar de apresentarem o trabalho enquanto o elemento central da formação humana em seu sentido ontológico e enquanto categoria genérica, independente da formação histórico-social, ao longo de sua obra Marx e Engels destacam principalmente o caráter que o trabalho assume na sociedade capitalista, alienante, desumanizador, contraditório e distanciado de sua dimensão ontológica. Assim como o trabalho, no sistema capitalista os diferentes espaços da atividade humana assumem um caráter duplo e contraditório, tornando o homem um ser unilateral, seja qual for a atividade que exerce.

O item a seguir, aborda o caráter contraditório que o trabalho exerce na formação humana sob o sistema de produção capitalista.

## **2 A unilateralidade do homem na sociedade capitalista: a dimensão histórica do trabalho**

Marx ao reconhecer o trabalho como base da formação humana e da própria constituição do homem enquanto ser social, busca destacar o caráter contraditório que esta atividade apresenta sob o modo de produção capitalista. Para tanto, o autor analisa como a atividade que deveria ser a base da humanização e da emancipação humana, no capitalismo torna-se antes elemento de degradação humana, tornando o homem um ser alienado e executor de uma atividade parcial. Assim, destaca o caráter histórico negativo do trabalho sob este modo de produção, sem negar sua dimensão ontológica, mas sim, afirmando que sob este sistema esta dimensão encontra-se sufocada, distanciada, estranhada do homem.

Neste sistema, Marx (2004, p. 27) observa que o trabalho, atividade vital do ser humano, torna-se uma mercadoria através da qual o trabalhador apenas assegura os meios de sua sobrevivência e reprodução. O trabalho, atividade a partir da qual deveria *manifestar a vida*, torna-se antes, um *sacrifício da vida*, uma vez que, o produto de sua atividade já não é mais o objetivo em si da atividade, mas sim a mercadoria que servirá na troca pelo salário.

Nos manuscritos filosóficos de 1844, Marx destaca como o sistema de produção na sociedade capitalista torna o homem alienado, não apenas de sua produção, mas, sobretudo, de sua condição genérica humana. Para tanto, expõe a relação entre propriedade privada, divisão do trabalho, troca e concorrência, valor e desvalorização do homem, etc, e o processo de alienação do homem. Marx (2005, p.176) parte do fato de que, na sociedade capitalista

O trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadorias cria. Com a valorização do mundo das coisas aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens. O trabalho não produz somente mercadorias; ele produz a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria, e isto na medida em que produz, de fato, mercadorias em geral.

Ao analisar a relação imediata do trabalhador com os objetos de sua produção, Marx (2005) aponta detalhadamente os diferentes níveis de estranhamento que interligados ao longo da atividade produtiva, tornam o homem um ser alienado. Em primeiro lugar, observa que a objetivação do trabalho, o objeto, produto do trabalho, que deveria encerrar a vida do trabalhador, no modo de produção capitalista, apresenta uma existência externa, independente e estranha ao trabalhador. Isto porque o produto de sua atividade não lhe pertence, e apenas objetiva um meio de troca pela garantia de sua subsistência. Assim, o trabalhador perde a identificação com o produto de sua atividade, seu trabalho não produz valores de uso, mas sim valores de troca.

Em um segundo momento, Marx (2005) destaca que o processo de alienação não se manifesta apenas na relação do trabalhador com o produto de seu trabalho, mas também em relação à própria atividade produtiva, que se configura enquanto processo de exteriorização ativa. Este processo se fundamenta no fato de que o produto do trabalho, não pertencendo ao trabalhador, torna também o próprio trabalho algo externo a ele, pois não se configura como satisfação de uma carência, mas sim, como um meio para a satisfação de uma carência, ou seja, uma mercadoria de troca assim como o produto que objetiva. Observa ainda, que neste sistema o trabalho não é uma atividade voluntária, mas sim trabalho forçado, obrigatório e aparece para o trabalhador como auto-sacrifício, mortificação, em um processo que ao invés de lhe afirmar, o realizar, lhe nega, o torna infeliz, já que não lhe pertence, mas sim a outro. Assim o trabalho deixa de ser auto-atividade e torna-se perda de si.

Marx (2005, p.184) destaca ainda um terceiro nível do processo de alienação do trabalho

O homem vive da natureza, significa: a natureza é o seu corpo, com o qual ele tem de ficar num processo contínuo para não morrer. Que a vida física e mental do homem está interconectada com a natureza não tem outro sentido senão que a natureza está interconectada consigo mesma, pois o homem é uma parte da natureza. Na medida em que o trabalho estranhado 1) estranha do homem a natureza, e 2) a si mesmo, sua própria função ativa, sua atividade vital, estranha do homem o gênero. Faz-lhe da vida genérica apenas um meio da vida individual. Primeiro, estranha a vida genérica, assim como a vida individual. Segundo, faz da última em sua abstração um fim da primeira, igualmente em sua forma abstrata e estranha.

A vida produtiva do homem, é a atividade engendradora de vida, é portanto, a vida genérica do homem. A atividade consciente distingue o homem dos outros animais, pois

o homem não produz apenas aquilo que necessita de imediato, unilateralmente, mas produz universalmente, segundo as necessidades não apenas de sua espécie, mas de qualquer espécie.

Contudo, no processo de estranhamento de seu trabalho, a vida produtiva do homem não se caracteriza enquanto atividade livre consciente e sim como meio de vida, ou seja, sua própria vida se torna um objeto, *sua essência torna-se apenas um meio para sua existência* (MARX, 2005, p. 186).

O objeto do trabalho é, portanto, a objetivação da vida genérica do homem: quando o homem se duplica não apenas na consciência, intelectual, mas também operativa, contemplando-se, por isso, a si mesmo num mundo criado por ele. Consequentemente, quando arranca do homem o objeto de sua produção, o trabalho estranhado arranca-lhe sua vida genérica, sua efetiva objetividade genérica e transforma a sua vantagem com relação ao animal na desvantagem de lhe ser tirado o seu corpo inorgânico, a natureza. Igualmente, quando o trabalho estranhado reduz a auto-atividade, a atividade livre, a um meio, ele faz da vida genérica do homem um meio de sua existência física. A consciência que o homem tem do seu gênero se transforma, portanto, mediante o estranhamento, de forma a que a vida genérica se torna para ele um meio.

Neste nível, Marx (2005) destaca que a atividade produtiva estranhando do homem seu ser genérico, seu próprio corpo, a natureza fora dele, estranha também sua essência humana.

A consequência imediata disto é o quarto nível de estranhamento analisado por Marx: o estranhamento do homem pelo próprio homem. *Quando o homem está frente a si mesmo, defronta-se com ele o outro homem. O que é produto da relação do homem com o seu trabalho, produto de seu trabalho e consigo mesmo, vale como relação do homem com o outro homem, com o trabalho e objeto do trabalho de outro homem* (MARX, 2005, p.186).

Deste nível de estranhamento decorre que, estando cada homem estranhado de seu ser genérico e dos outros homens, cada homem está também estranhado de sua essência humana, ou seja, a alienação expressa-se na relação dos homens consigo e entre si.

Marx (2005) destaca que a alienação, está na relação dos homens entre si, enquanto que para a maioria se manifesta como martírio, para poucos se manifesta como fruição. Para o trabalhador a alienação se dá como atividade prática de estranhamento, para o não-trabalhador enquanto estado da exteriorização, como comportamento teórico. *Através do trabalho estranhado o homem engendra, portanto, não apenas sua relação com o objeto e o ato de sua produção enquanto homens que lhe são estranhos e inimigos; ele engendra também a relação na qual ele está para com estes outros homens* (MARX, 2005, p.189).

Tumolo (2005, p. 242) destaca que, mais tarde Marx retoma esta questão, em ‘O Capital’ explicando o movimento de contradição entre valor de uso e valor que originam o duplo caráter do trabalho sob o sistema capitalista

Entre os diversos aspectos do emaranhado analítico desenvolvido no capítulo I, 11 Marx busca explicar não apenas a relação de contradição entre o valor de uso e o valor de troca, já que a realização deste último, na troca, é a sua negação e, ao mesmo tempo, a afirmação do valor de uso, mas, acima de tudo, o movimento contraditório existente entre o valor de uso e o valor, que se origina do duplo caráter do trabalho, uma vez que o desenvolvimento da força produtiva do trabalho propicia a produção de uma quantidade maior de valores de uso, quer dizer, um montante maior de riqueza com um *quantum* menor de valor. A mesma variação crescente de força produtiva do trabalho, que aumenta a riqueza, diminui a grandeza de valor contida nessa massa de riqueza. Tendo em vista que o trabalho concreto é o substrato do valor de uso e o trabalho abstrato é a substância do valor, eles também estabelecem uma relação de contradição. Num primeiro exercício analítico percebe-se que o trabalho concreto (valor de uso) está subsumido pelo trabalho abstrato (valor), em razão de que o capitalismo é uma sociedade essencialmente mercantil, cujo objetivo não é a produção de valores de uso para a satisfação das necessidades humanas, do estômago à fantasia. Mais do que isto, trata-se de uma relação na qual a afirmação do trabalho abstrato é a negação do trabalho concreto e vice-versa. O desenvolvimento da força produtiva do trabalho que é uma tendência inelutável do capital, agudiza tal contradição.

Conforme é possível observar, Marx demonstra a constante desvalorização do trabalho concreto (valores de uso) no capitalismo, pois ao fundamentar-se na produção de mercadorias (valores de troca), tendo por objetivo a produção de mais-valia, com o desenvolvimento da força produtiva do trabalho acirra a desvalorização do trabalho concreto (valores de uso).

Desta forma Marx demonstra ainda que a divisão social do trabalho e a propriedade privada, são elementos centrais que operam na configuração desigual e contraditória das relações de trabalho na sociedade capitalista, e colocam o interesse social de uma classe, os capitalistas, como dominante e imposto aos demais.

O operário abandona o capitalista ao qual se aluga tão logo queira, e o capitalista o despede quando lhe apraz, desde que dele não extraia mais nenhum lucro ou não obtenha o lucro almejado. Mas o operário, cujo o único recurso é a venda de sua força de trabalho, não pode abandonar *toda a classe dos compradores, isto é, a classe capitalista*, sem renunciar a vida (MARX, 2004, p. 28).

No sistema capitalista a força individual do trabalho, não vigora se não estiver vendida como mercadoria do capital. Assim, a divisão social do trabalho impõe ao trabalhador uma determinada esfera do sistema produtivo, tornando, não apenas a atividade que realiza parcial e alienada em relação ao seu produto final, como também o próprio trabalhador torna-se parcial e alienado, impossibilitado de fazer um produto independente e transformando-se em *um aparelho automático de um trabalho parcial* (MARX, 2004, p. 29).

Na sociedade capitalista, as forças intelectuais da produção operam apenas em uma das esferas sociais, e com o sistema de produção da indústria moderna este processo completa-se separando trabalho e ciência, fazendo da ciência uma força produtiva autônoma, independente do trabalho e a serviço do capital (MARX, 2004, p.30).

Marx (2004, p.76) destaca que o modo de produção capitalista, diferentemente dos modos de produção tradicionais de períodos anteriores à Modernidade, estabeleceu a divisão social do trabalho entre trabalho manual e intelectual não apenas a nível macro na sociedade, mas também nas próprias unidades produtivas. Enquanto que nas sociedades tradicionais o trabalhador dominava o conhecimento de todas as etapas do processo produtivo de sua atividade, na sociedade moderna capitalista com o sistema de produção industrial não se considera nenhuma das etapas do processo de produção o produto final em si, estas etapas são decompostas, desconsiderando a intervenção humana nos elementos constitutivos de sua totalidade e desapropriando o trabalhador da totalidade dos saberes de sua atividade. Desta forma, a indústria moderna instituiu em seu processo de produção a divisão entre trabalho material e intelectual e atribui-as à esferas sociais distintas.

Para Marx (2004), ao instituir a separação entre atividade material e atividade intelectual em seu processo de produção, a sociedade moderna capitalista, instituiu também a formação unilateral dos trabalhadores que desde cedo são introduzidos no mundo do trabalho e apenas neste espaço encontram a possibilidade de adquirir alguma instrução.

Por este caráter alienante do trabalho, fica evidente que para Marx é inaceitável qualquer formação a partir do modo de produção capitalista. Marx, entretanto, destaca a necessidade de uma formação para os trabalhadores aliada ao trabalho produtivo como forma de superação deste sistema e não como realização plena do homem no sentido omnilateral que defende.

No item a seguir, aborda-se a relação entre o princípio educativo da teoria marxista e a concepção de omnilateralidade, que em Marx não se reduz a uma proposta educativa, mas se estende a um projeto de sociedade.

### **3 A formação omnilateral enquanto um dos elementos de superação da condição contraditória do trabalho**

A formação omnilateral em Marx, apresenta-se como uma das categorias que destaca o trabalho enquanto princípio educativo, pois propõe a união de ensino e trabalho.

Embora pouco citada nos escritos marxistas, é possível perceber que a categoria de omnilateralidade apresenta-se como um dos princípios básicos não apenas da formação do

homem na perspectiva da emancipação humana, mas da própria sociedade comunista que deveria oportunizar a omnilateralidade a todos os homens em todos os seus aspectos.

Neste sentido, ao evidenciar que a unilateralidade dos homens na sociedade capitalista é condicionada por uma prática social e uma formação unilateral que separa atividade material e atividade intelectual, bem como formação técnica e formação intelectual, Marx apresenta em contraposição, sua categoria de formação omnilateral.

De acordo com sua análise sobre a sociedade capitalista, Marx (2004, p.69) aponta a necessidade de que a formação da classe trabalhadora combine trabalho produtivo, formação intelectual, exercícios corporais e educação politécnica, constituindo uma formação integral, que segundo ele, elevará a classe operária acima dos níveis da burguesia e aristocracia.

Para Marx e Engels (2004), a formação do novo homem, deve necessariamente superar a oposição entre formação intelectual e formação técnica, para tanto, torna-se indispensável a combinação da instrução com trabalho produtivo. Marx (2004) entende que a atividade prática é, além da possibilidade de adquirir experiência útil, a possibilidade de aplicar e criar o saber teórico, portanto, indispensável à formação omnilateral. A associação de trabalho produtivo e instrução, possibilitará ainda a fusão entre teoria e prática, bem como o domínio progressivo do homem sobre sua atividade de forma consciente. Assim Marx destaca a necessidade da instrução aliada a atividade prática enquanto forma de progressiva crítica da condição alienante que assume na sociedade capitalista.

Conforme é possível observar, ainda que Marx enfatize o caráter alienante do trabalho na sociedade capitalista, observa que a formação intelectual apenas quando aliada a atividade prática, oferece às condições para que se constitua enquanto elemento da crítica do trabalho na sua determinação capitalista e ferramenta de elaboração de sua nova forma, sob um novo modo de produção que supere sua condição alienante e recupere seu caráter onilateral.

Neste sentido, a formação integral defendida por Marx pressupõe a união entre instrução e trabalho, enquanto elemento de transição para uma nova formação histórico-social em que seja possível a unidade entre formação e atividade prática, uma sociedade omnilateral.

Atento ao interesse que a indústria moderna em determinada etapa de seu desenvolvimento apresenta quanto à formação ‘integral’ do trabalhador diante das suas sempre novas exigências, Marx (2004) alerta para a necessária distinção entre formação omnilateral e a formação pluriprofissional. Marx (2004) destaca que a indústria moderna por nunca considerar definitiva a forma existente de um processo de produção, transformando

continuamente a base técnica de sua produção, as funções dos trabalhadores e as combinações sociais do processo de trabalho (...) *revoluciona constantemente a divisão do trabalho dentro da sociedade e lança, ininterruptamente, massas de capital e de trabalhadores de um ramo de produção para outro. [...] Entretanto, reproduz em sua forma capitalista a velha divisão do trabalho com suas peculiaridades rígidas* (MARX, 2004, p. 77).

Portanto, a indústria moderna exige maior versatilidade do trabalhador e capacidade de adaptação em diferentes atividades, tornando-se necessário o desenvolvimento de um indivíduo ‘integral’, que desenvolva diferentes funções produtivas (MARX, 2004, p. 78), o que, no entanto, não lhe proporciona apropriar-se da totalidade do processo produtivo e social, mas sim passar por diferentes e sucessivas formas de sua atividade. Para Marx (2004), no sistema capitalista a formação ‘integral’ é compreendida como a formação de cada operário no maior número possível de atividades industriais, de forma que se precisar ser remanejado de uma atividade a outra, por emprego de uma máquina nova ou por alguma mudança na divisão do trabalho, possa facilmente encontrar uma colocação, sem prejudicar a organização geral do modelo produtivo.

Marx e Engels (2004, p.109) destacam que na sociedade de classes, a educação política assim compreendida, perde sua aplicação prática, assumindo uma finalidade meramente curricular e mantendo a antiga divisão social do trabalho como sua base fundante. Destacam ainda, o cuidado para que não se confunda este modelo de educação com a proposta defendida pelos escritores proletários.

A formação política, que foi defendida pelos escritores proletários, deve compensar os inconvenientes que se derivam da divisão do trabalho, que impede o alcance do conhecimento profundo de seu ofício aos seus aprendizes. Neste ponto, partiu-se sempre do que a burguesia entende por formação política, o que produziu interpretações errôneas.

Enquanto que o ‘politecnicismo’ defendido pela classe dominante propõe a preparação pluriprofissional, buscando superar a formação limitada a determinadas funções da fábrica moderna e procurando assim evitar possíveis problemas caso seja necessário uma reorganização do processo produtivo, sem que, no entanto, altere-se a organização da divisão do trabalho entre as classes sociais, a formação tecnológica defendida por Marx, opõe-se a divisão originária entre trabalho intelectual e trabalho manual que a fábrica moderna exacerba e, sobretudo, opõe-se a divisão social do trabalho entre as classes sociais, elemento de base da sociedade capitalista. Portanto, a formação tecnológica proposta por Marx, pressupõe a unidade entre teoria e prática, não apenas no local do trabalho, mas em toda a atividade social. Pressupõe ainda a possibilidade da *manifestação plena e total de si mesmo, independente das*

*ocupações específicas que cada indivíduo exerce* (MANACORDA, 2010, p.48). Somente a partir desta unidade entre formação intelectual e formação manual aliada a prática social é que Marx considera possível uma formação omnilateral, pela qual os sujeitos alcancem a compreensão sobre a totalidade do processo social do qual fazem parte. Qualquer formação que não tenha perspectiva a superação do modelo capitalista de produção, ainda que alie a instrução ao trabalho produtivo, manterá seu caráter unilateral, formando sujeitos parciais para atividades parciais. A formação omnilateral destacada por Marx, pressupõe mais do que a união de instrução e trabalho, pressupõe a instrução enquanto elemento da crítica da forma histórica que o trabalho assume sob o modo de produção capitalista. E, sobretudo, pressupõe a construção de um novo modelo de sociedade.

Neste sentido, Marx (2007, p.107) afirma que para que o homem atinja efetivamente sua condição omnilateral, por um lado é necessário modificar as condições sociais para criar um novo sistema de ensino, e por outro, falta um sistema de ensino que contribua para a transformação das condições sociais.

A omnilateralidade ao mesmo tempo em que requer outro projeto de sociedade que resgate a integralidade da atividade humana, é um dos elementos centrais para a superação da formação unilateral do homem. Portanto, a categoria de formação omnilateral afirma o trabalho como princípio educativo, pois não busca apenas a união entre ensino e trabalho, mas parte da perspectiva da emancipação humana e tendo esta por horizonte pressupõe a formação enquanto crítica da forma capitalista do trabalho, buscando assim, as condições para que se alcance a omnilateralidade na totalidade de uma nova sociedade. Pressupõe a construção de um novo projeto de sociedade onde o trabalho efetive-se enquanto atividade realizadora do homem.

#### **4 Considerações finais:**

Ao destacar o caráter contraditório que o trabalho assume em sua dimensão histórica sob o modo de produção capitalista, Marx, longe de negar seu caráter formativo, destaca que em uma sociedade em que o trabalho constitui uma atividade unilateral, a formação do homem também será unilateral. Assim, Marx demonstra que a formação humana está diretamente relacionada com a formação histórico-social, ou seja, com a conformação das bases materiais da sociedade que condicionam a atividade humana.

Entendendo que o trabalho é a própria atividade vital que torna o homem um ser social, ou seja, a atividade que o constitui enquanto homem, Marx destaca a necessidade de superar a formação unilateral que a partir das condições desiguais na sociedade capitalista, é oportunizada aos trabalhadores.

É neste sentido, que Marx propõe sua categoria de formação omnilateral, como elemento de superação não apenas da formação unilateral dos homens, mas, sobretudo, como um dos elementos de superação da sociedade de classes, oportunizando aos homens o acesso onilateral aos bens sociais. Assim, Marx afirma seu entendimento do trabalho enquanto princípio educativo, não na forma alienada como o trabalho se apresenta em sua dimensão histórica na sociedade capitalista, mas em sua dimensão ontológica, resgatando a união entre consciência e prática social, como crítica da forma atual em que o trabalho se apresenta e como possibilidade de realizar-se plenamente seu caráter ontocriativo, em outro projeto de sociedade.

Considerando que o trabalho enquanto princípio educativo, assim como a condição de omnilateralidade, possam somente ser alcançados plenamente em outro projeto de sociedade, parece desnecessário discutir seus fundamentos para a análise da sociedade atual. Entretanto, observa-se como de extrema importância resgatar a perspectiva assumida por Marx ao apresentar estas categorias, uma vez que atualmente é frequente o uso indistinto de categorias como educação integral, formação humana, emancipação, sem, no entanto explicitar-se a que projeto de Estado e sociedade estão vinculadas.

Neste sentido, retomar as categorias que Marx apresenta é de fundamental importância para uma leitura crítica das políticas educacionais atuais para aqueles educadores comprometidos com a construção de uma nova sociedade, livre da exploração do homem pelo homem.

## Referências

- ANTUNES, Ricardo. **O caracol e a sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho.** São Paulo: Boitempo, 2005.
- ENGELS, F. **Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem.** In Antunes, Ricardo (ORG.) *A dialética do trabalho: escritos de Marx e Engels.* SP: Expressão Popular, 2004.
- FRIGOTTO, CIAVATTA, RAMOS. **O trabalho como princípio educativo no projeto de educação dos trabalhadores.** In: COSTA, Hélio da e CONCEIÇÃO, Martinho. *Educação Integral e Sistema de Reconhecimento e certificação educacional e profissional.* São Paulo: Secretaria Nacional de Formação – CUT, 2005.
- MANACORDA, Mário Alighiero. **Marx e a pedagogia Moderna.** Tradução: Newton Ramos de Oliveira. Campinas, SP: Editora Alínea, 2010.

- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Crítica da Educação e do ensino.** Introdução, tradução e notas de Roger Dangeville. Paris: Maspero, 1978.
- MARX, Karl. **Processo de trabalho e processo de valorização.** In Antunes, Ricardo (ORG.) A dialética do trabalho: escritos de Marx e Engels. SP: Expressão Popular, 2004.
- MARX, Karl. **Salário, preço e lucro.** In Antunes, Ricardo (ORG.) A dialética do trabalho: escritos de Marx e Engels. SP: Expressão Popular, 2004.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Textos sobre Educação e Ensino.** Tradução: Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2004.
- MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-filosóficos.** In: Antunes, Ricardo. O caracol e a sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2005.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã.** Ed. WMF Martins Fontes. 2007.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido Comunista / Critica ao Programa de Gotha.** Tradução: Sueli Tomazini Barros Cassal. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- TUMOLO, Paulo Sérgio. **O trabalho na forma social do capital e o trabalho como princípio educativo: uma articulação possível?.** Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 90, p. 239-265, Jan./Abr. 2005.